

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA

KAROLINE SANCHES PAVÃO

**A MULHER NO FUNK:
O CAMINHO ENTRE A EXPOSIÇÃO E O PROTAGONISMO**

Juiz de Fora
2019

KAROLINE SANCHES PAVÃO

**A MULHER NO FUNK:
O CAMINHO ENTRE A EXPOSIÇÃO E O PROTAGONISMO**

Projeto Interdisciplinar apresentado junto ao Curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão de curso.

Linha de Pesquisa: Roupas Memória.

Orientador (a): Prof. Ma. Fernanda Bonizzol Ferrari.

Juiz de Fora
2019

PAVÃO, Karoline Sanches. **A mulher no funk: O Caminho entre a exposição e o protagonismo.** Projeto Interdisciplinar, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso Tecnológico superior em Design de Moda, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, realizado no 2º semestre de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a (a). Ma. Fernanda Bonizzol Ferrari
Orientadora

prof. (a). Ma. Fabiana Alvim Ballesteros

Prof (a). Esp. Aline Marques Costa

Examinado(a) em: ____/____/____.

Dedico este trabalho com muito amor, aos meus queridos pais e irmã, que mesmo com todos os obstáculos deste caminho, estiveram sempre segurando em minhas mãos, a vocês meu eterno amor, gratidão e admiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Aos meus pais Flávio e Helenice por abdicarem por muitas vezes de suas vontades para que eu realizasse cada um dos meus sonhos.

À minha irmã Greice por ser minha maior incentivadora, e por acreditar sempre em mim.

À minha avó Maria da Gloria, por ser fonte de inspiração e fé inesgotáveis.

Ao meu noivo Bruno, por ter compreendido minhas ausências por tantas vezes.

À minha família e amigos, obrigado por tornarem esta jornada mais leve e prazerosa.

RESUMO

PAVÃO, Karoline Sanches. **A mulher no funk: O Caminho entre a exposição e o protagonismo.** 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de Moda). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

A presente pesquisa faz parte dos requisitos para a conclusão do curso de Tecnologia em Design de Moda do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora e propõe o desenvolvimento de uma coleção de moda a partir da pesquisa, e consequente interseção, com uma técnica de design. Como tema central e fonte principal de referências para a coleção, propôs-se uma abordagem sobre os caminhos percorridos por mulheres dentro da produção musical do funk, buscando compreender como esse processo se deu ao longo dos últimos 30 anos, e como elas assumiram seu protagonismo neste contexto. Como técnica de interseção, a malharia foi escolhida uma vez que sua forma de composição e características se mostraram ideais para a materialização do tema. Tendo como metodologias aplicadas a pesquisa bibliográfica e a interseção entre o tema proposto e a técnica utilizada, os resultados obtidos com esta pesquisa permitiram a criação de uma coleção de moda com quinze croquis, onde três serão confeccionados e se propõe a evidenciar características de cada período da mulher funkeira ao longo deste processo. O resultado será apresentado no projeto de encerramento de curso, o desfile Sonhos e Devaneios.

Palavras-Chave: Design de Moda, Funkeiras, Feminilidade, Malharia.

ABSTRACT

PAVÃO, Karoline Sanches. The woman in funk: The Way between the exhibition and the protagonist. 53 f. Course Conclusion Paper (Graduation in Fashion Design). Juiz de Fora Higher Education Center, Juiz de Fora, 2019.

This research is part of the requirements to complete the Fashion Design Technology course at the Juiz de Fora Higher Education Center and apply the development of a fashion collection from the research, and consequent intersection, with a design technique. As the central theme and the main source of references for a collection, it proposes an approach on the paths taken by women in the funk music production, seeking to understand how this process took place over the last 30 years, and how they have taken their leading role in this context. As an intersection technique, a knitting was chosen once when its composition form and resources are ideal for the materialization of the theme. Having as methods applied a bibliographical research and the intersection between the proposed theme and technique, the results obtained with this research allowed the creation of a fashion collection with fifteen sketches, where three were made and presented the characteristics of each period of the funkier woman. this process. The result will be presented at the closing project of the Dreams and Daydreams parade.

Keywords: Fashion Design, Funkeiras, Femininity, Knitwear.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1-Parâmetro de produto	29
TABELA 2-Tabela de custos 1.....	39
TABELA 3-Tabela de custos 2.....	44
TABELA 4-Tabela de custos 3.....	44
TABELA 5-Tabela de custos 4.....	45
TABELA 6-Tabela de custos 5.....	48

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Baile da Furacão 2000, em 1990	12
FIGURA 2 - Representantes femininas no Funk	15
FIGURA 3 - Entrelaces Malha	18
FIGURA 4 - Calça da GANG	21
FIGURA 5 - Funkeiras no Rock In Rio 2019	23
FIGURA 6 - Maria Morena	25
FIGURA 7 - Fluxograma	27
FIGURA 8 - Matriz Referencial	29
FIGURA 9 - Prancha de Tendências	31
FIGURA 10 - Prancha de Cores	32
FIGURA 11 - Cartela Tecidos	33
FIGURA 12- Prancha Design de Superfície	34
FIGURA 13 - Croquis da Coleção	35
FIGURA 14 - Croquis Seleccionados	36
FIGURA 15 - Croqui Família Rainha da Noite	37
FIGURA 16 - Ficha Técnica 1	38
FIGURA 17 - Croqui Furacão 2000	40
FIGURA 18 - Ficha Técnica 2	41
FIGURA 19 - Ficha Técnica 3	42
FIGURA 20 - Ficha Técnica 4	43
FIGURA 21 - Croqui Família Diva que você quer copiar	46
FIGURA 22 - Ficha Técnica 5	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	O SURGIMENTO DO FUNK E A PARTICIPAÇÃO FEMININA	11
2.1	AS MULHERES NO FUNK	14
3	MALHARIA	18
3.1	CALÇA DA GANG	20
4	FUNK-SE	22
5	MARIA MORENA	25
6	ELEMENTOS TÉCNICOS DA COLEÇÃO	25
6.1	BRIEFING	25
6.1.1	FLUXOGRAMA	27
6.2	MATRIZ REFERÊNCIAL	29
6.3	CROQUIS E SEUS COMPLEMENTOS	36
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	52

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte dos requisitos necessários para a conclusão do Curso Superior Tecnológico em Design de Moda e está vinculada a linha de pesquisa Roupas Memória. O desenvolvimento do trabalho consiste na pesquisa, e consequente interseção, entre um tema central e uma proposta de técnica, que permite a materialização da análise teórica em uma coleção de moda. Assim, o tema escolhido para a abordagem teórica foi participação feminina no funk. Já a técnica fundamental para o desenvolvimento da coleção foi a malharia.

O Funk surge no cenário da música carioca ainda nos anos 1970, influenciado por movimentos musicais norte-americanos. Ao longo das últimas décadas do século XX, o estilo oscila entre momentos de maior e menor popularização, chegando ao século XXI e se estabelecendo com um gênero musical de grande representatividade. É nesse sentido que, nesta pesquisa, busca-se analisar a participação feminina no funk, em especial Tati Quebra Barraco, Deise Tigrana e o Grupo Gaiola das Popozudas.

A técnica da malharia, utilizada em vários processos de criação de moda foi escolhida como técnica de design que dá suporte para o desenvolvimento da coleção especialmente pela sua característica de aderência ao corpo, proporcionando roupas consideradas sensuais e bastante associadas às roupas das cantoras de funk aqui abordadas.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, tendo como principais autores Hermano Vianna (1987, 2010) e Mylene Mizrahi (2006), no que diz respeito ao Funk e Juliana Sissons (2012) e Dinah Pezzolo, no que tange os estudos técnicos referentes à malharia.

Assim, a partir da relação estabelecida entre o tema central e a estética da roupa proporcionada pela técnica de design escolhida, será desenvolvida a coleção de moda feminina FUNK-SE, referente à temporada Outono-Inverno 2020, que propõe peças inspiradas na estética percebida na moda Funk Carioca. O resultado do trabalho será exibido no evento oficial de encerramento de semestre, o Desfile Sonhos e Devaneios.

2. O SURGIMENTO DO FUNK E A PARTICIPAÇÃO FEMININA

Mais que um ritmo musical, hoje o funk é reconhecido como “um movimento cultural e musical de caráter popular” pela Lei nº 5.543/2009, e traz em suas letras discursos que apontam questões como a violência, dentro e fora das comunidades, a vivência erótica e manifestações socioculturais.

Segundo Vianna, (1987) pioneiro nesse estudo do ritmo sob a perspectiva sociológica, o funk é um estilo musical produzido na periferia dos grandes centros urbanos majoritariamente voltado para o público jovem. É quando o Soul apresenta seus primeiros sinais de declínio e no despontar do hip-hop norte-americano, entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970, que se encontram as origens do ritmo. Desde sua origem, o autor aponta diversos pontos em que o gênero nacional se afastava de seu precursor: além dos aspectos musicais, tanto as danças, quanto as roupas dos cantores e dançarinos em nada se assemelham. Além disso, apesar de ter sua origem influenciada pela vertente do estilo norte-americano, o Funk carioca não compartilha da cultura do hip-hop. Suas letras, estritamente nacionais, e com características próprias, se definem na década de 1990, quando ganham popularidade e inflamam polêmicas.

O funk é o lugar da contradição, da mistura do proibido e do liberal, do glamour e das mazelas sociais, do sexo desmedido e do pudor. São ecos que impulsionam o movimento e o torna cada vez mais intrigante (AMORIM, 2009).

Apesar de atualmente serem associados às comunidades e subúrbios cariocas, o funk teve seu início em locais bastante distintos destes. Os famosos bailes funk, inicialmente eram conhecidos como Baile da Pesada, e aconteciam na casa de festas Canecão, localizada na zona sul carioca, no bairro do Botafogo.

As festas tiveram início quando dois amigos, Big Boy (locutor de rádio e animador) e Ademir Lemos (discotecário), ambos com grande influência no cenário musical da época se juntaram para criar um evento que a animava as tardes de domingo dos jovens cariocas. A preferência da dupla era pelo soul americano, mas as tardes eram bastante ecléticas tocando de hip-hop e pagode. Logo, a festa se transformou em um sucesso, reunindo cerca de 5.000 pessoas por domingo. Porém,

nesta mesma época, o gênero musical MPB despontava e, apesar grande lucro que os eventos populares traziam, Vianna (1987) aponta o que ele chama de um processo de intelectualização da casa de festas, quando “o Canecão passou a ser considerado o palco nobre da MPB. O Baile da Pesada foi transferido para os clubes do subúrbio, cada fim de semana em um bairro diferente” (VIANNA, 1987, p.51). É quando, os antes frequentadores do baile, passaram a ser também organizadores, grupos chamados de equipes. Uma das equipes que surge nesse é a extinta Som 2000, do empresário Rômulo Costa, que mais tarde se tornaria a renomada Furacão 2000. Pioneira em produção de funk nacional para entretenimento, ainda nessa época a empresa lança seu primeiro disco. Já em meados de 1980 a equipe se torna uma das maiores influências dentro do mundo do funk, ela conquista reconhecimento nacional pela grande estrutura de caixas de sons, e por ser uma das maiores geradoras de empregos entre a população periférica. A imagem a seguir mostra a estrutura dos eventos feitos pela FURACÃO 2000.

Figura 1: Baile do grupo Furacão 2000, 1990



Fonte: FURACÃO 2000.

Já nos anos 1980 o funk começa a ganhar características mais brasileiras e nasce assim o funk melo: uma mistura de influências americanas, com letras brasileiras. É no fim dessa década que um DJ já conhecido entre os frequentadores deste tipo de evento, Fernando Luís Motta, mais tarde conhecido como DJ Marlboro, retorna de uma viagem volta com novas ideias para ritmo. A proposta, a partir de então, e produzir uma música completamente brasileira e com letras que trazem características das periferias cariocas. Assim, os anos noventa marcaram a consolidação no funk como gênero nacional, e começam a ganhar atenção da mídia.

" (...) O surgimento e a ascensão de Marlboro servem como símbolo do começo de uma nova era para os bailes no Rio" (ESSINGER, 2005, p.52 apud BESCHIZZA, 2014).

Nos anos 1990, o mercado fonográfico já reconhece a viabilidade comercial do funk enquanto ritmo musical e os bailes, que antes haviam sido confinados as comunidades, ganham novamente espaço em outros locais e casas de shows. Em entrevista dada ao jornal Folha de São Paulo (2009), Hermano Vianna entende o funk como um forte setor produção econômica e fundamental e crescente mercado de trabalho.

Todo esse mercado foi criado nas últimas décadas, sem ajuda da indústria cultural estabelecida. [...] não conheço outro exemplo tão claro de virada mercadológica na cultura pop contemporânea. O funk agora tem números claros que mostram uma atividade econômica importante, que pode, assim, ser levado a sério pelo poder público (FOLHA DE SÃO PAULO, 2009, MEIO DIGITAL).

Cantores de funk como MC Marcinho e a dupla Claudinho e Buchecha surgem nesse cenário como uma nova vertente do ritmo, conhecido como *melody* com letras de cunho mais romântico. (Essinger, 2005 apud BESCHIZZA, 2014). Em paralelo a essa vertente, já no final da década de 1990, o funk passou a retratar em suas letras, as condições sociais das comunidades onde era tocado. O cenário de violência e criminalidade presente no cotidiano dos moradores assumem o protagonismo nas letras do funk. Segundo Lopes (2011), essas letras com claras referências à violência, não podem ser comercializadas em CDs e nem tocadas em espaços públicos, por serem consideradas apologias ao crime. Nesse período inicia-se a uma prática recorrente entre os compositores do funk, que permanece até os dias atuais. Trata-se da produção de duas versões de uma mesma música, os chamados 'proibições'. Na maior parte das vezes, essas são as versões tocadas nos bailes funk.

No início dos anos 2000, o funk carioca ultrapassa os limites estaduais e passa a influenciar o estilo de música paulista. Por muito tempo se construiu uma rivalidade entre a produção oriunda das periferias do Rio de Janeiro e São Paulo. Enquanto a capital carioca era conhecida por suas letras que exaltavam a violência das favelas e o corpo feminino com forte apelo sexual, os paulistas apresentam um discurso

diferente, mais voltado para a produção do hip-hop, com críticas sociais e às políticas governamentais.

É também de São Paulo uma vertente bastante popular do ritmo, conhecido como funk ostentação. Estas também são inspiradas no hip hop americano, dando continuidade a essa hegemonia do hip hop em São Paulo, porém utilizando agora das características de uma roupagem mais ostentadora no hip hop americano. Suas letras pregam um estilo de vida pautado em diversão e consumo de itens de luxo, como roupas de marca, carros importados, festas regadas a bebidas caras e com a presença de muitas mulheres.

Em junho de 2011, o MC paulistano Boy do Charme lançou no YouTube a canção 'Mégane', em referência à uma marca de carro. "Imagina eu de Mégane ou de 1100 invadindo os bailes/Não vai ter pra ninguém", diz a letra. Os 3 milhões de acessos no YouTube chamaram a atenção de outros funkeiros de São Paulo, e a ostentação converteu-se em regra. (ÉPOCA, 2012, apud ANTONACCI, MARCELINO, 2013, p. 2)

2.1 AS MULHERES NO FUNK.

Ainda no final da década de 1990 surge também o chamado funk sensual, com letras sobre sexo e coreografadas de maneira bastante explícita. Construído por homens, o campo assume características bastante machistas, ditando a sexualidade feminina de maneira quase exclusiva para a satisfação masculina, onde os elementos pornográficos das letras e coreografias do ritmo destacam os papéis de gêneros até então atribuídos. É justamente nesse contexto que as mulheres adentram de forma mais ativa nesse meio, propondo mudanças nesses papéis, até então, por elas desempenhado.

Conforme Duarte (2016), inicialmente, a participação das mulheres era de mera expectadora. Na década de 1990, elas ingressam no meio como dançarinas, sem destaque para suas vozes, uma vez que o cenário naquele momento era dominado por artistas masculinos. Essas moças tinham características físicas e de vestuário bastante marcantes, o que serviu de gatilho para a construção do estereótipo da mulher funkeira: a mulher de com corpos 'malhado', voluptuosos e vestindo se de maneira sensual, com roupas curtas, justas e decotadas.

É na virada do milênio que o funk adquire novas características e a participação feminina ocorrendo sob outras perspectivas é uma das mais relevantes. Se antes seu protagonismo era apenas como tema das letras tão erotizadas, agora elas assumem a autoria de tais letras e passam a figurar como cantoras. Assim, segundo Duarte (2016) ressignificam o papel social feminino com um discurso de poder, contestando a visão masculina, com letras que falam de suas experiências como mulheres, quebrando os estigmas de padrões de beleza e questionando o poder sobre seu próprio corpo. Nesse cenário, alguns nomes se destacam, nos quais apontamos Tati Quebra Barraco, Deize Tigrona e o grupo Gaiola das Popozudas, apresentadas na imagem a seguir.

Figura 2: Representantes femininas do funk: Tati Quebra Barraco, Deize Tigrona e o grupo Gaiola das Popozudas



Fonte: Veja Rio, 2017.

Nascida em 1979, comunidade carioca Cidade de Deus, Tatiana Lourenço dos Santos, a Tati Quebra Barraco, é considerada a pioneira no funk feminino, se tornando a primeira cantora e compositora expressiva dentro do funk carioca. Segundo Bonfim (2015), o sucesso alcançado pela cantora se deve as suas letras com opiniões sobre seu próprio corpo instituído como fora do padrão pela sociedade, e as respostas sem menor pudor as perspectivas masculinas em relação a mulher. Uma de suas músicas

mais marcantes é o hit “sou feia mais tô na moda”, que contesta a posição feminina perante a sociedade, contando em sua letra que apesar de feia, tem dinheiro para estar na moda e autonomia para assumir despesas até então atribuídas aos homens como pagar contas em motéis.

Eta lele, eta lelé. Eta lele, eta lelé.
 Eta lele, eta lelé. Eta lele, eta lelé.
 Eu fiquei três meses sem quebrar o barraco
 Sou feia, mas tô na moda.
 Tô podendo pagar motel pros homens.
 Isso é que é mais importante.
 Quebra meu barraco (Tati Quebra Barraco, 2002).

Essa mudança de papéis desperta cada vez mais interesse, e em campos além da música. Em 2005, é lançado o documentário que leva o nome do sucesso de Tati. Sou feia, mas tô na moda, dirigido por Denise Garcia, ao contrário do que se pode imaginar, não trata da autora da música. É sobre Deize Maria Gonçalves da Silva, a famosa Deize Tigrona que a produção versa, moradora a cidade de Deus no Rio de Janeiro, Tigrona ficou conhecida por suas letras que contam em partes o cotidiano da mulher que canta o funk, retratando o dia a dia dessas moças, e falando sobre o funk sem preconceito e prejulgamentos, essa questão pode ser observada na letra a seguir:

Vou mandar um papo reto você tem que saber
 Se esculacha as amantes
 Eu te pergunto o por que
 Pelo que eu te conheço você
 Não é grande coisa
 Seu “lulu” é tão pequeno
 pro comentário da outra
 tu eh racista, desnutrido
 a fiel não te alimenta
 tu dependes das amantes
 mas pra elas não compensa
 Tu calou, tu consentiu
 Quem gostou, grita “U”
 pra provar que eu estou certa miniatura de lulu
 então
 uuu miniatura de lulu (3x)
 anda cara faz força quero ver ficar com a outra (Deize Tigrona, 2005).

Outra inovação percebida pela presença feminina no funk são os “bondes”, grupos compostos por cantoras e dançarinas. Um dos grupos de maior destaque foi o

Gaiola das Popozudas, tendo como principal integrante aquela que viria a se tornar uma das mais conhecidas cantoras de funk do Brasil, Valesca Popozuda. A primeira música de sucesso do grupo foi “Vai Danada”, letra que prega a liberdade sexual da mulher independente do julgamento de terceiros

Tu quer me beijar a minha boca
 Pode vir tô preparada. Vai danada
 Tu quer beijar minha barriguinha
 Demorou essa parada. Vai danada
 Eu vou dar uma rebolada bem devagarinho
 Mas o que eu quero mesmo é ficar no sapatinho
 Péra não se espanta com o tamanho da danada. Vai danada. (Gaiola das Popozudas, 2004)

Segundo Caetano (2015), no ano de 2009, a Gaiola das Popozudas já era considerado o bonde feminino mais famoso do Brasil, tendo sua primeira turnê internacional amplamente divulgada e comentada na internet naquele ano. Segundo a autora, as letras das músicas cantadas por essas artistas contestam o papel feminino na sociedade, especialmente o percebido no funk até a década de 90. O funk proporciona, assim, espaço para a mulher ter o seu próprio discurso.

Ainda segundo Caetano (2015), no fim de 2012 Valesca deixa o vocal do grupo para se dedicar a sua carreira solo. Nessa nova fase, a cantora assume uma postura ativista, dedicando suas letras a causas feminista e LGBTQI+. Abaixo vemos um trecho de uma entrevista da cantora ao programa De frente com Gabi, em Fevereiro de 2012, que diz sobre seu posicionamento.

As pessoas têm que deixar o preconceito de fora, tem que respeitar cada um, a pessoa quer ser gay, se a pessoa quer ser sapatão, qual o problema? As pessoas têm que respeitar o direito da pessoa. E tem uns que sempre querem aparecer e criam esse desconforto, esse preconceito que acho que é burro. Eu tenho um público tão grande GLS, eles me tratam com carinho, admiração, me acho uma pessoa tão normal e eles me chamam de diva. Aí pensei em lançar isso contra e teve boa repercussão, foi parar em capa de jornal, ficou no TTs [*trending topics*] do mundo. A gente tenta de alguma forma” (DE FRENTE COM GABI, 27”45’).

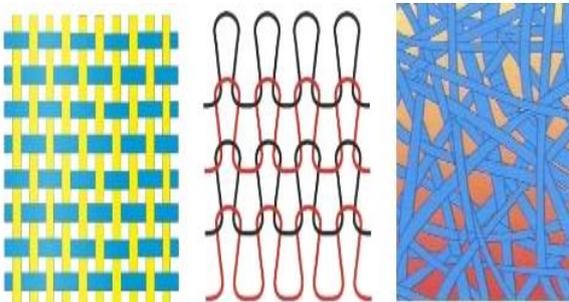
Através de suas composições, suas músicas subvertem a lógica de dominação masculina trazendo a mulher para o lado oposto ao anteriormente proposto pelas músicas cantadas pelos artistas masculinos, em uma postura aparentemente mais ativa, em uma proposta de inversão de valores contida nas letras.

3. MALHARIA

O modo de tecer fios e fibras têxteis é o que determina a estrutura básica de um tecido e sua formação pode dar de inúmeras maneiras > Entre esses sistemas, os mais conhecidos e utilizados na confecção do vestuário são os tecidos planos e os tecidos de malha.

Segundo Pezzolo (2017), a principal característica do tecido plano é seu entrelaçamento formado por dois conjuntos de fios em ângulos de 90°, onde os fios dispostos no sentido longitudinal são denominados urdume e os dispostos no sentido transversal e essas são denominados trama. Esse cruzamento perpendicular dos fios é o que traz estabilidade ao tecido. Já a malharia não nasce desse cruzamento entre trama e urdume, e sim por um sistema de laçadas, como pode ser visto na figura abaixo.

Figura 03:Laçadas Malha



Fonte: Senai, Cetiqt 1996.

A estrutura e geometria dos artigos de malharia diferenciam-se substancialmente dos tecidos de tecelagem plana. Na malha, o tecido é formado pelo entrelaçamento de um ou mais fios. A malha pode ser produzida de forma mecânica ou manual e são o resultado da formação de malhas provenientes de um ou mais fios que se apoiam lateral e verticalmente por meio de agulhas. Os fios dispostos no sentido da largura do tecido são denominados curso. Já os fios dispostos no sentido do comprimento, são denominados fileira.

No caso da malharia, o fio assume a forma de laçada, sendo que cada laçada passa por dentro da laçada anterior sem existir ponto de ligamento fixo entre elas. Essas laçadas assumem o aspecto de fios em forma curva que se sustentam entre si e são livres para se mover quando submetidas a alguma tensão, determinando a conhecida flexibilidade da malha, capaz de fazê-la abraçar as mais complexas formas do corpo humano (PEZZOLO, 2017, p. 221-222).

A malharia é considerada um dos segmentos mais antigos do setor têxtil, com origem no processo manual de tricotagem, tricô esse que surge entre as tribos de nômades que teciam a lã de seus rebanhos. Embora desconheça a data exata da descoberta do método manual de fazer malha, recentes descobertas de tecidos de malha no Egito provam que esse método já era conhecido no século V a.C. (PEZZOLO, 2017, p. 221.)

Em 1589, o primeiro tear de malha surge na Inglaterra, uma invenção de William Lee, que revoluciona o comércio de malharia. Inicialmente criada para o uso com a lã curta e fina de ovelhas, a máquina produzia malha grossa para as meias de camponeses. (Sissons, 2012, p.10-11.)

Durante um grande tempo a malharia limitou-se a produzir apenas roupas brancas, porém por volta dos anos 1920-25 foi introduzida na alta-costura, ocupando assim posição de grande importância na indústria têxtil, embora o processo de produção de malharia já fosse conhecido a pelo menos quatro séculos. A roupa de malha se populariza, no século XX em razão da diminuição dos custos de fabricação obtida com o aperfeiçoamento das máquinas de tear. A partir dos anos de 1960 a malharia se destaca ainda mais, entrando no mercado de consumo como uma das principais características da chamada moda jovem, que é composta pelas famosas T-shirts ou Camisa básica, em meia malha de algodão. Segundo Liger (2012), outro processo que contribuiu para o processo da consagração da malha no mercado, foi a intensificação das atividades esportivas, fazendo com que a malha seja utilizada de forma mais ampla e diversificada.

Segundo Chataignier (2012), o setor de malha utiliza fios de quase todos os tipos; fibras naturais (algodão, lã) artificiais (viscose) e sintéticos (nylon, acrílico, poliéster), em especial os elastanos (lycra). A associação deste último fio junto à malha que por si só já é um tecido elástico, garante flexibilidade ao tecido, facilitando o de

se expandir verticalmente e horizontalmente, esse traço torna o tecido aderente ao corpo, revelando detalhes da silhueta.

Assim, a malha é utilizada em vários processos de criação como matéria prima, desde as lingerie até as roupas esportivas, abarcando boa parte do setor do vestuário. As peças de malha são associadas ao conforto, mas também são providenciais quando se busca destacar as curvas do corpo feminino. Essa é a razão pelo qual essa estrutura de tecidos é escolhida quando a peça ser desenvolvida precisa ter bastante aderência ao corpo, como acontece com a calça da feminina pela marca Gang, item de vestuários diretamente associado ao vestuário feminino do funk.

3.1 A CALÇA DA GANG

A 'calça da Gang' é um estilo de calças criada no final dos anos 1990 que, em vez de ser confeccionada em jeans, é produzida em moletom *stretch*, ainda que ao final do processo de criação do produto se assemelhe ao *Jeans* por conta do tingimento. O moletom é um tipo de malha confeccionado com uma mistura de fibras, geralmente composto pela mistura de algodão e elastano, uma fibra sintética altamente elástica. Essa associação entre uma malha de algodão e o fio de elastano proporciona ao moletom stretch, flexibilidade, e facilidade ao se expandir verticalmente e horizontalmente.

Moletom: Tipo de malha flanelada e quente, de lã, algodão ou poliéster misto, feito com entrelaçamentos flutuantes que provocam o toque de pelúcia que esquenta [...] (CHATAIGNIER,2006, p.151).

Segunda Mizrahi (2006), é essa extrema aderência, associada ao estilo impresso pela marca Gang, é o que torna tal peça uma peça fundamental para o vestuário das do funk, nacionalmente conhecido. Segundo a autora, é o grande apelo que as calças tiveram entre as jovens que frequentavam os bailes funks nos anos 90. Outra forte característica das calças da marca está relacionada ao tipo de modelagem empregada em sua confecção, a calça possui o cós em sua parte frontal extremamente baixo e nas costas alto, o que tende a destacar os quadris das pessoas que a utilizam. Outras características da peça são seus adornos, como bordados,

rendas, cristais aplicados na calça. Além disso, a etiqueta com a logo da marca, representada pela letra G em cristais, posicionada na parte de trás da calça; e suas lavagens localizadas, de formas estratégicas a fim de realçar ainda mais determinadas partes do corpo, como apresentado na imagem a seguir.

Figura 4: Calça da Gang



Fonte: Blog do Laprovietera, 2013.

Ainda que existem várias outras unidades de peças que acompanham a indumentária *funk*, estabelecidas por outros elementos que constituídos por roupas e adornos corporais, que funcionam muitas das vezes como linguagem para as pessoas que os utilizam, “a calça de moletom *stretch*” que nessa época já deixou de ser apenas confeccionada pela marca GANG, e já ganhou inúmeras versões, até com preços mais acessíveis é muito marcante quando se fala sobre essa temática. Seu sucesso foi tão expressivo no cenário na música funk, que se tornou tema de uma delas;

Calça da Gang toda a mulher qué.
 Uns R\$:200 pra deixa a bunda em pé
 Calça da Gang toda a mulher qué
 Uns R\$:200 pra deixa a bunda em pé
 Popozuda, popozuda.
 Popozuda popozuda, popozuda, popozuda (Furacão 2000).

Segundo Mizrahi (2006), ainda que esse modelo de calça tenha sido criado só no final da década de 1990, o modelo é extremamente coerente com a indumentária já presente nos bailes funk desde os anos 80, que já contavam com um estilo de roupas mais justas ao corpo feminino, principalmente entre as dançarinas, que

utilizavam desses modelos para a valorização e exibição do corpo. As roupas como as calças de moletom *stretch*, se tornaram parte do vestuário feminino em festas em comunidades por conta da liberdade de movimentos que este tecido proporciona às suas usuárias, permitindo que elas se sintam livres na hora de dançar, e em algumas vezes até mesmo pelo apelo sensual.

4. FUNK-SE

Segundo Santana (2014), a partir dos anos 1990 as imagens da mulher funkeira foram fundamentais para a reforçar algumas tendências arraigadas na cultura popular, mas serviram também para lançar um novo olhar sobre tais imagens.

Há certamente aspectos óbvios naquelas imagens, como a proximidade com a violência física e a transformação da mulher em objeto sexual feminino. Também há quem considere as funkeiras mulheres livres e ativas ou, ainda, testemunho de que os pobres seriam arrojados e inventivos. Mas talvez existam tendências mais fluidas do que essas duas (SANTANA, 2014, p.176).

Assim, quando analisada sob a perspectiva do vestuário, a relação que estabelece entre moda e mulher fala muito sobre as novas formas de sociabilidade feminina percebidas no final do século XX e que podem, ainda hoje, proporcionar uma leitura bastante ampla sobre o tema.

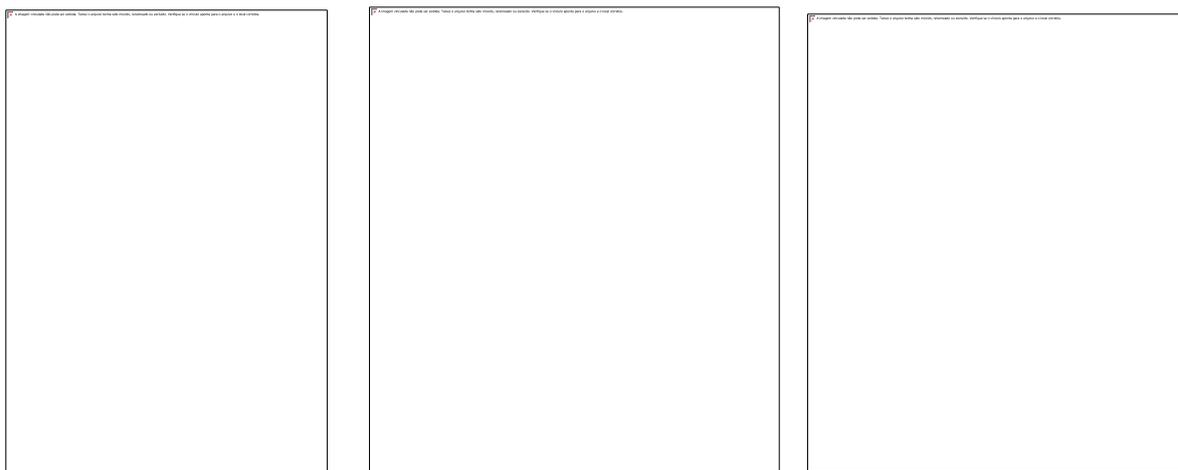
Bonfim (2015) analisa o vestuário da mulher no funk e faz uma relação entre corpo e consumo. Segundo a autora, mesmo que a imagem sedutora construída pela funkeira a deixe um lugar desprivilegiado no que se refere ao olhar masculino, a sua relação com a aquisição e uso de objetos de moda seriam vistos como uma forma de compensação dessa posição de subserviência. Assim, o fato de 'estar na moda' se constituiria como uma marca de poder, poder esse que é uma característica altamente valorizada nas letras de funk desde o início da participação feminina nesse cenário musical (FANON, 2008).

Já Amorim (2009) analise a imagem feminina no Funk em relação a estereótipos e erotismo. Segundo a autora, as mulheres funkeiras são, em sua maioria estereotipadas por um corpo curvilíneo, que facilmente é considerado alvo de desejo masculino. Essas curvas se evidenciam através das roupas usadas por elas. Em

maioria, justas, estas roupas definem a silhueta contornando esse corpo de forma expressiva, especialmente no palco, quando esta roupa valoriza os movimentos feitos nas danças que chamam atenção para zonas erógenas femininas, em especial, o bumbum.

Dentro desse contexto essas mulheres seriam consideradas, em cima do palco, a representatividade do erótico feminino. Esse comportamento intencional poderia ser lido como um discurso de autonomia da vivência sexual feminina perante a masculina, dando destaque às suas próprias vontades e contestando a condição delegada a mulher. (Amorim, 2009, p 144). Se tratariam, assim, de performances que teriam como objetivo subverter papel que lhes foi socialmente atribuído e mostrar autonomia e empoderamento consciente sobre seus corpos e desejos, ainda que sob o olhar masculino.

Figura 5: Funkeiras no Rock in Rio 2019.



Fonte: Blog Gazeta Online, 2019.

Sob uma outra perspectiva de análise, Bonfim (2015) destaca ainda que essas performances também são avaliadas de maneira negativa. Quando analisadas sob em relação aos direitos que as mulheres vêm conquistando ao longo dos anos, a imagem construída da mulher no funk ainda estaria fortemente associada a um discurso de hierarquia entre homem e mulher. A mulher funkeira não cantaria, assim, em um sinal de libertação sexual e empoderamento, ainda que muitas delas se intitulam feministas.

Independente da abordagem, fato é que a mulher e o funk ganharam espaço nas discussões que falam sobre autonomia e igualdade de gêneros, lançando novos

olhares e entendimentos sob as perspectivas os estudos de gênero, música, moda e cultura popular e diversidade. É justamente a partir desse olhar que une tantos campos, que se propõe a coleção **FUNK-SE**.

Construída a partir da representatividade feminina dentro do funk, a marca Maria Morena foi buscar na técnica da malharia os meios para a materialização do tema abordado. Nesse sentido, o uso de tecidos de malha para o desenvolvimento dos modelos propostos na coleção agrega vestibilidade, conforto e uma boa parcela de sensualidade à coleção. Somados a isso, aplicação de diversas modalidades de designs de superfície criam a identidade da coleção.

A coleção foi desenvolvida a partir de um recorte cronológico da história do funk, priorizando momentos em que se nota um protagonismo das mulheres. As famílias serão divididas conforme a cronologia do Funk. Ao começar pela família **Rainha da Noite**, nome que remete a uma das músicas mais marcantes dos anos 1990, tendo também sua inspiração cantora Tati Quebra Barraco. A família **Furacão 2000** representa uma grande fase vivida no Funk brasileiro, inspirada na equipe de som mais famosa da época. A família tem como principal característica as tendências e os modelos usados pelos (as) cantores (as) desta época, sendo sua maior inspiração o grupo Gaiola das Popozudas. Por fim, a família **Diva que você quer copiar** traz a exuberância feminina e é a linha mais luxuosa da coleção. Assim, a coleção **FUNK-SE** propõe uma moda diversa, divertida e livre de preconceitos.

5. Maria Morena

A Maria Morena é uma marca de vestuário feminina adulto, criada pensando em um público-alvo entre 15 e 30 anos, localizada na cidade de Juiz de Fora. A marca procura cuidadosamente agregar conforto, sensualidade e estilo a cada peça elaborada, tem como característica principal a vestibilidade. Criada para mulheres que gostam de se divertir, a marca procura sempre incentivar o consumo consciente, fabricando peças de qualidade para que sejam duradouras com um preço justo e acessível.

A Marca conta com duas coleções anuais, para que as novidades das peças estejam sempre atualizadas se reinventando cada nova coleção sem perder sua essência;

O nome Maria Morena é uma homenagem a dona Maria da Glória, avó de sua criadora, considerada por ela uma de suas maiores incentivadoras. A logo da marca é criada a partir do nome da mesma, utilizando de suas duas letras iniciais, para formar a característica visual da marca. O Rose Gold representa a sofisticação da marca, e faz alusão ao público feminino.

Figura 6: Marca



Fonte: Da autora, 2019.

6. ELEMENTOS TÉCNICOS DA COLEÇÃO

Nessa seção encontra-se todos os elementos técnicos da coleção FUNK-SE, serão apresentados respectivamente, *briefing*, prancha referencial, fluxograma e matriz referencial. Em seguida, cada família será detalhada por um texto ilustrativo destacando seus aspectos.

6.1 BRIEFING

O Inverno 2020 chega à marca Maria Morena com a coleção FUNK-SE. Inspirada no universo das Funkeiras, abordando a narrativa de como essas mulheres se vestem e como essas características marcaram as últimas três décadas. As características observadas ao longo do processo de criação esculpem peças em Malha, tecido esse escolhido como forma de materialização do tema enquanto vestuário. Considerando esses aspectos as peças contam com silhuetas ajustadas,

trazendo ainda alguns recortes e decotes, formando uma grande variedade de peças criando assim relação direta com seu público-alvo.

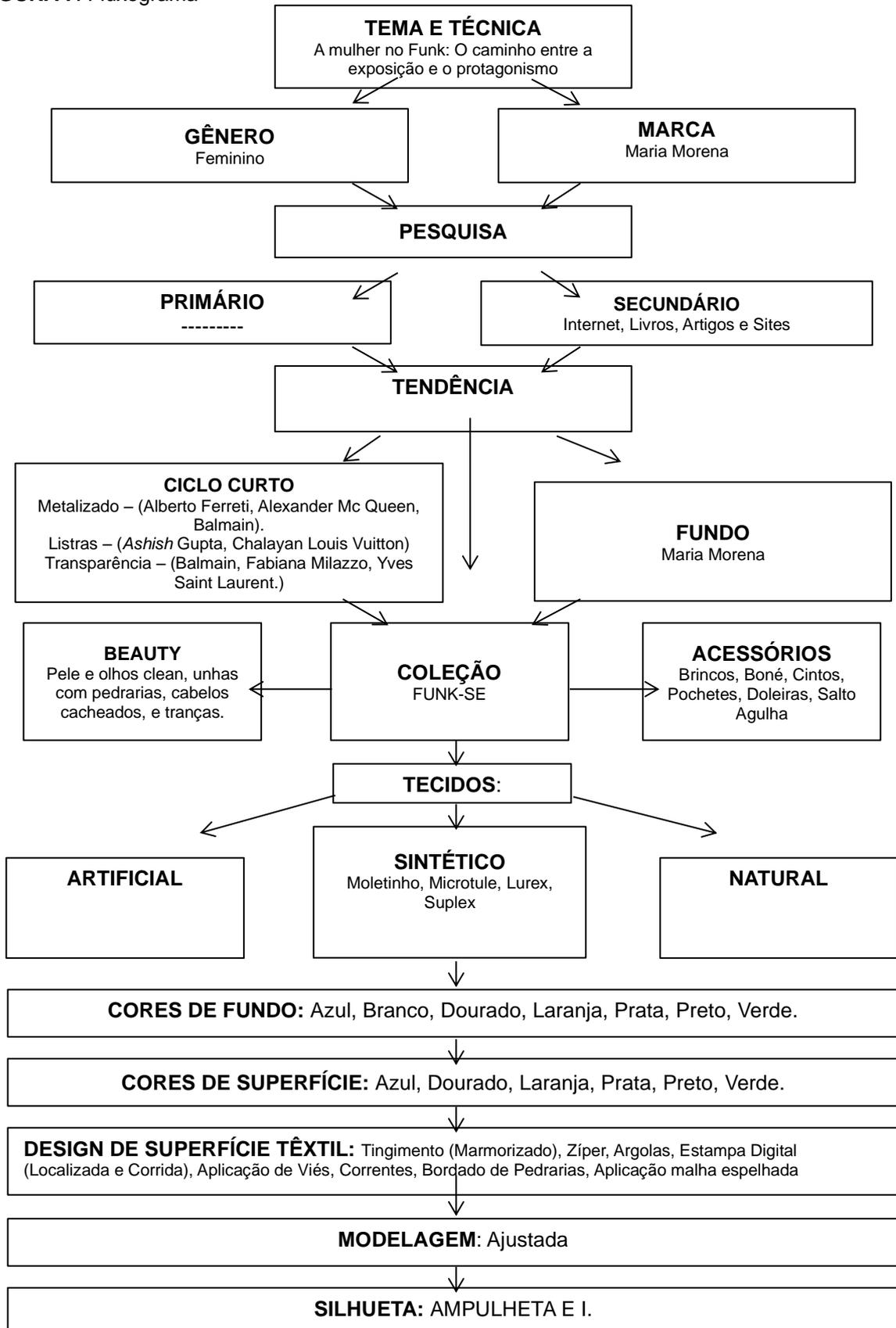
A riqueza de elementos observada durante o estudo de criação serviu de inspiração para a seleção de alguns destes como componentes da coleção, como aplicação de malha espelhada, e correntes, bordados em pedraria, despigmentação e estampas, dando assim diferentes texturas a cada modelo, e criando peças sofisticadas e únicas.

A cartela de cores da coleção conta com azul, dourado, laranja, prata e preto dando autenticidade as peças, os tecidos que compõem a mesma são todos em malharia, o que torna fácil o ajuste de cada peça ao corpo. O metalizado, as listras e a transparência são as principais referências da tendência da estação nessa coleção.

As gargantilhas tipo “coleiras” acompanham as peças como um acessório moderno, dando a cara da marca para a coleção.

Dessa forma todas essas individualidades juntas criam uma coleção autêntica, remetida ao tema principal, e refletem a atitude e sensualidade buscadas pela marca, a partir de seus próprios conceitos.

FIGURA 7: Fluxograma



Fonte: CES/JF, 2013; Do Autor, 2019.

6.2 MATRIZ REFERENCIAL

A coleção buscou trazer os elementos de estilo e design inspirados tanto no tema proposto quanto na técnica. Os quinze modelos contam com modelagens, silhuetas e tecidos variados. Os modelos desenvolvidos foram divididos em três famílias, cada uma representando um ponto importante relacionado ao artigo elaborado para o projeto.

A primeira família, **RAINHA DA NOITE** foi inspirada nos anos de 1990, utilizando em todas as peças o moletinho a família busca trazer a nostalgia da época. A mesma traz como design de superfície têxtil elementos característicos da década de 90, como os fechos aparentes, amarrações e tingimentos. As cores presentes serão variações de azul.

Já a segunda família traz como referência os anos 2000, esses anos são conhecidos pela sua diversidade de cantores e público, a família tem como características o estilo esportivo, muito utilizado nos anos 2000, pelos cantores e frequentadores do baile do Furacão. A família **FURACÃO 2000** é confortável e colorida. Esta família também conta com bordado digital do o nome da marca, estampa em folhas, estampa de listras e aplicações em viés.

A terceira família, **DIVA QUE VOCÊ QUER COPIAR**, tem como inspiração a funkeira Valesca, que nos últimos anos, deixou de lado as roupas típicas do mundo do funk, trazendo características de sofisticação para esse mundo. É a família que conta com maior número de ornamentações, tendo o preto como cor principal dos tecidos, mais abusando das ornamentações metalizadas que são seu principal elemento. Possui recortes, viés, transparências e decotes.

Figura 8: Tabela Matriz Referencial

Referência palpável	Tecido			Cor		Design de superfície	Modelagem	Silhueta
	Artificial	Sintético	Natural	Fundo	Superfície			
Inspiração impalpável								
Rainha do Baile.		Moletinho.		Azul	Dourado, Prata, Preto	Argola, Cadarço, Despigmentação, Zíper.	Ajustada.	Ampulheta
Furacão 2000.		Microtule, Punho de Malha, Suplex, Telinha de Malha.		Azul, Branco, Laranja, Preto, Verde.	Verde, Azul, Preto, Laranja.	Estampa Digital (localizada e corrida), Aplicação (viés)	Ajustada	Ampulheta
Diva que você quer copiar.		Microtule, Lurex Suplex.		Preto, Dourado, Transparentia.	Dourado, Prata.	Aplicação de correntes, Aplicação de malha espelhada, Bordado de pederrias.	Ajustada	Ampulheta

Legenda:  Referência  Inspiração  Interseção

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2019

Tabela 01: Parâmetro de Produto

Nome da coleção: FUNK-SE**Estação:** Inverno 2020

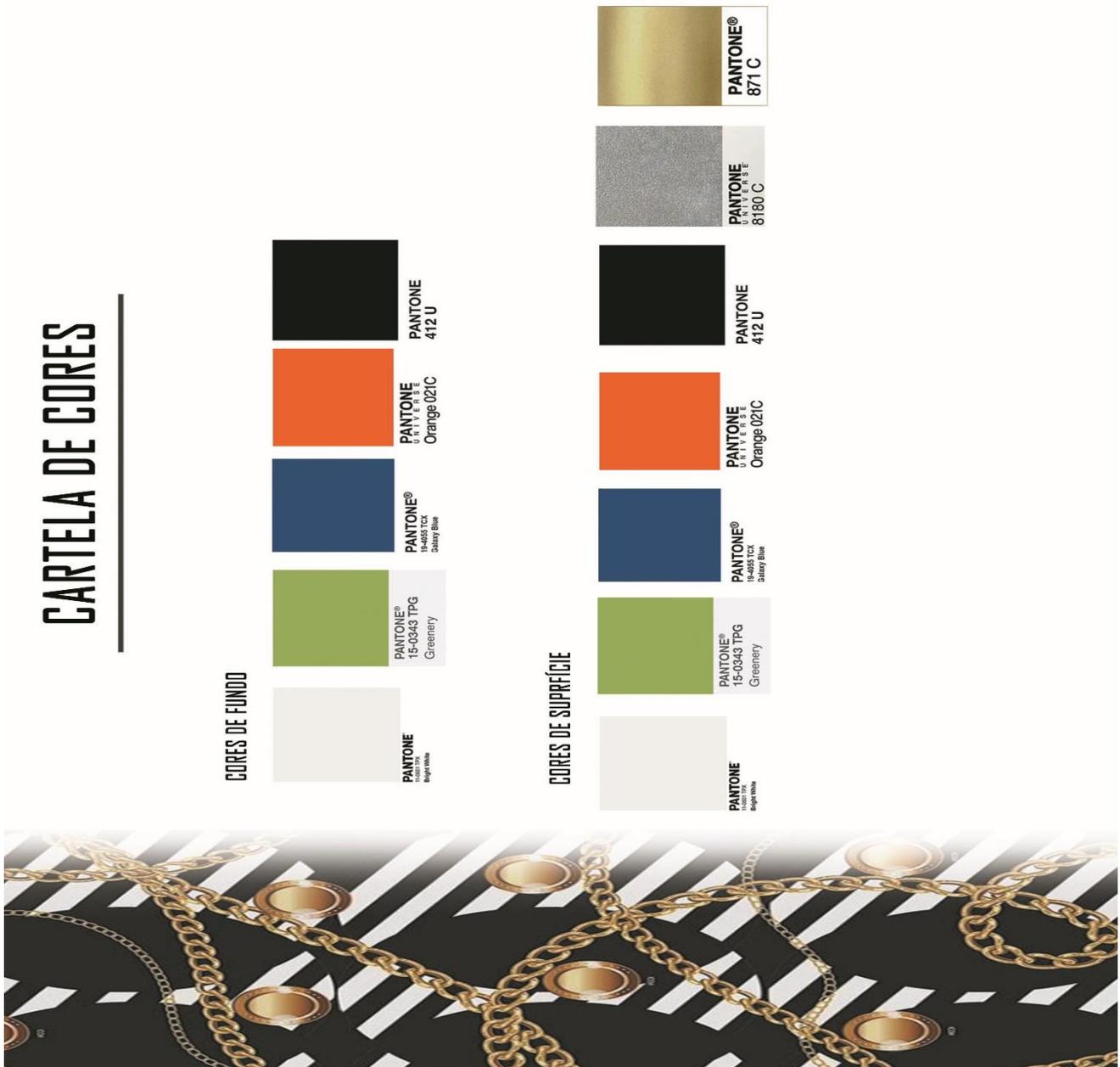
Mix de Moda					
	Básico	Fashion	Vanguarda	Total	%
Mix de Produtos					
Body		1		1	4%
Calça		3		3	12%
Casaco Corta Vento		2		2	8%
Colete		1		1	4%
Cropped		2		2	8%
Macacão Curto		1		1	4%
Macacão Longo		3		3	12%
Saia		3		3	12%
Short		1		1	4%
Top		3		3	12%
Vestido Curto		4		4	16%
Vestido Longo		1		1	4%
Total		25		25	100%
%		100%		100%	

Fonte: CES/JF, 2013; Da autora, 2019.



Figura 9: Prancha de Tendência
Fonte: Da autora, 2019.

Figura 10: Prancha de Cores

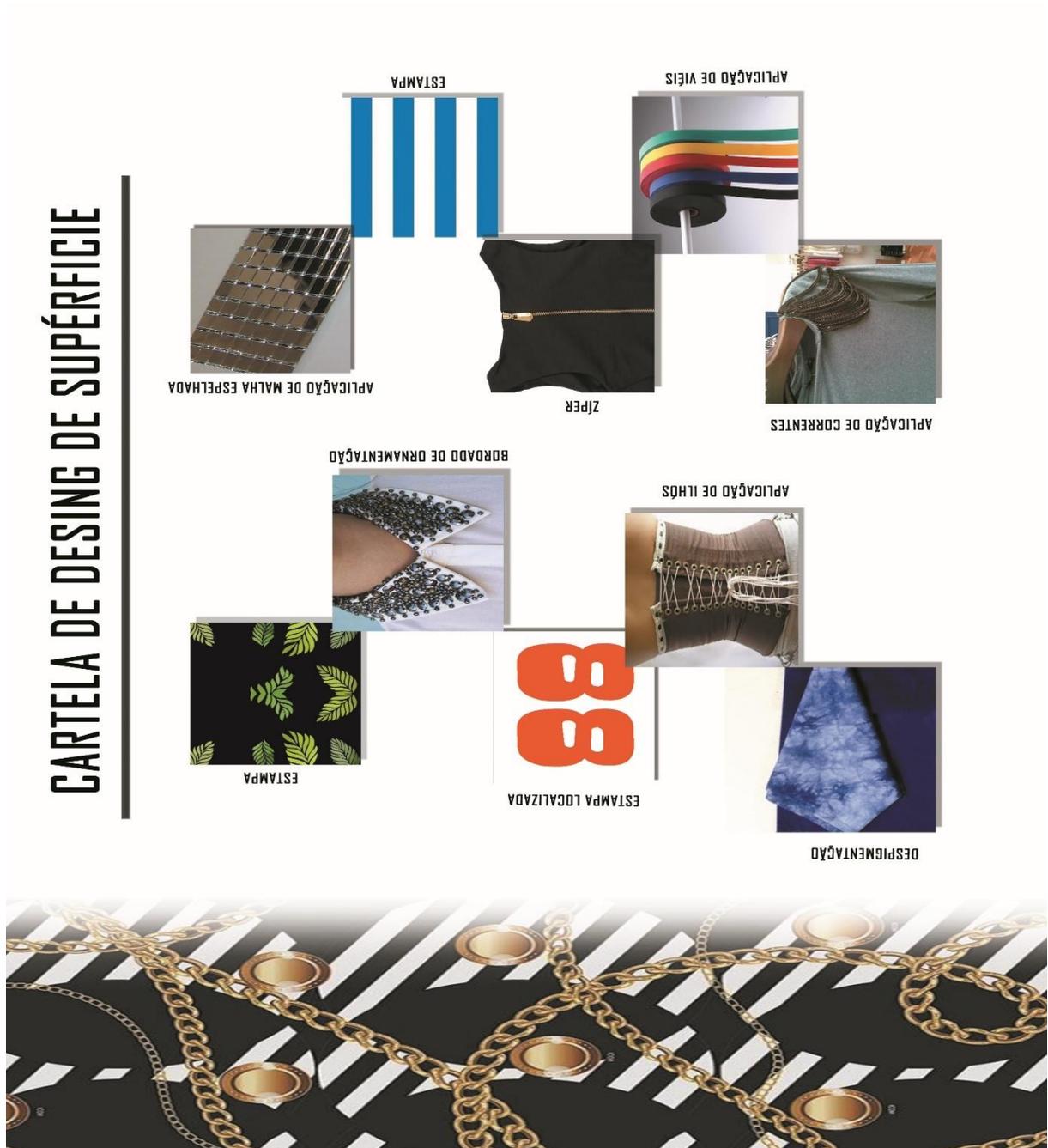


Fonte: Da autora, 2019



Figura 11: Cartela de Tecidos
Fonte: Da autora, 2019

Figura 12: Prancha de Design de Superfície



Fonte: Da autora, 2019

Figura 13: Croquis da Coleção



Fonte: Da autora, 2019

6.3 CROQUIS E SEUS COMPLEMENTOS

A marca Maria Morena apresenta a coleção de Inverno 2020 FUNK-SE. A mesma foi construída inspirada no universo das Funkeiras, abordando a narrativa de como essas mulheres se vestem e como essas características marcaram as últimas três décadas. A marca buscou para criação de sua coleção características observadas ao longo do processo feminino no funk abordando três nomes do mesmo. As peças contam com silhuetas ajustadas, trazendo ainda alguns recortes e decotes, formando uma grande variedade de peças criando assim relação direta com seu público-alvo.

Alguns elementos foram selecionados para que as peças tenham algumas tendências da estação, como o metalizado, as listras e transparências.

Texturas como correntes, transparência e bordados também estão presentes.

As gargantilhas tipo “coleiras” acompanham as peças como um acessório moderno, dando a cara da marca a coleção.

Figura 14: Croquis Selecionados



Fonte: Da autora, 2019

Figura 15: Croqui Selecionado 1



Fonte: Da autora, 2019.

Figura 16: Ficha Técnica 1.

Ficha Técnica

Coleção: FUNK-SE

Modelista: Karoline Sanhces Pavão

Modelo: Vestido Tigrona

Ano: 2019

Ref: VT001F

Descrição da peça:
Vestido Azul, em Moletimho, com forro em suplex e zíper aparente de 1m na parte frontal central.

Matéria prima principal:

Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m
Moletimho	80% Algodão, 15% Elastano, 5% Elastano	Azul	1,50 m	Importado	Saldar das Malhas	1,40 m

Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)

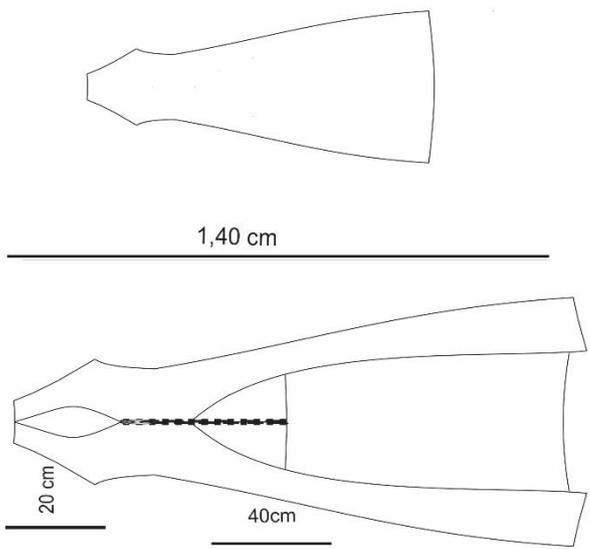
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m
Zíper/Aparente	100% Poliéster	Dourado	1 Unidade	Importado	Capela	2,5 cm
Linha	100% Poliéster	Azul	1 Unidade	Corrente	Carretil	120
Fio	100% Poliéster	Azul	1 Unidade	Importado	Arreminho Anaspil	180

Grade de tamanho:

Peça	PP	P	M	G	GG
VT001	36	38	40	42	44 46 48
Observações				X	

Beneficiamento:
Como complemento o vestido carrega despigmentação marmorizada que serão especificados em detalhes em sua própria ficha técnica.



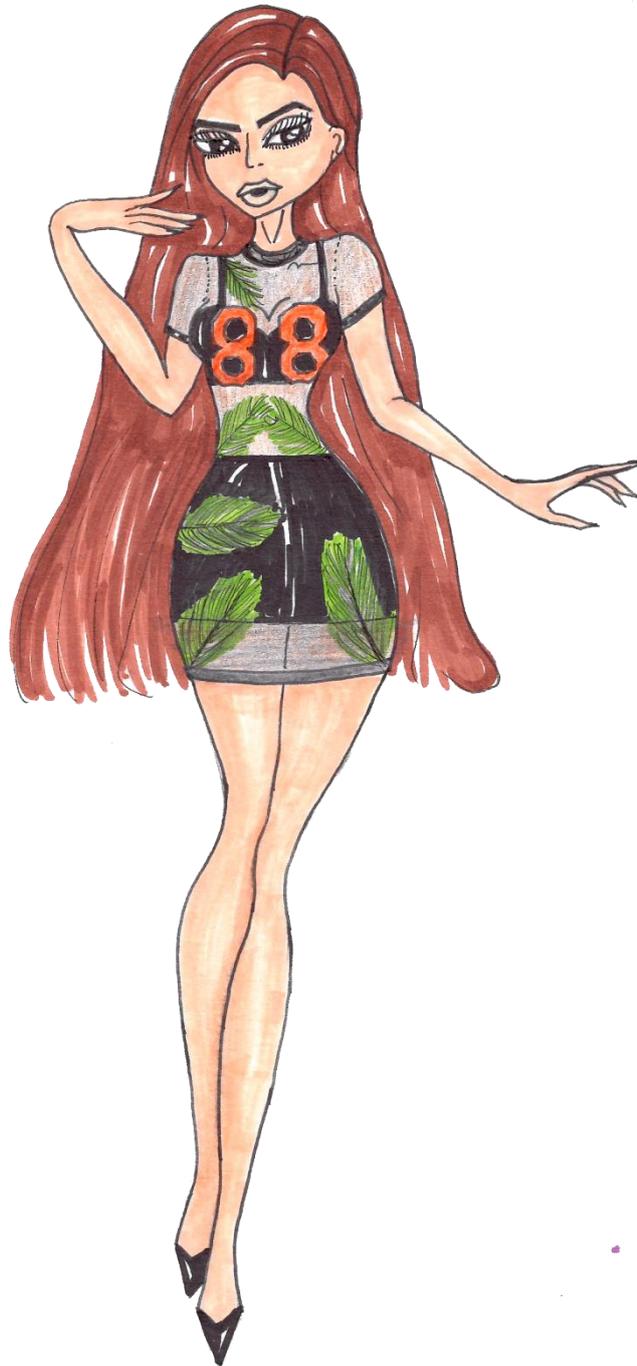
Fonte: Da autora, 2019.

Tabela: Tabela de Custos 1

Coleção: FUNK-SE			Estação: Inverno 2020.	
Produto: Vestido Tigrona			Ref.: VT001	Total: R\$ 53,30
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Moletinho Azul	2m	Saldão das Malhas	23,40	46,80
Zíper Dourado	1m	Caçula	3,00	3,00
Linha Azul	1 Grande	Armarinho Central	3,50	3,50
Bojo	1 par	Caçula	3,89	3,89
Total		...		R\$ 57,19

Fonte: CES/JF, 2013; Do Autora, 2019.

Figura 17: Croqui Selecionado 2



Fonte: Da autora, 2019.

Figura 18: Ficha Técnica 2.

Ficha Técnica

Coleção: FUNK-SE

Modelista: Karoline Sanhces Pavão

Modelo: Vestido Furacão

Ano: 2019

Ref: VF001

Descrição da peça:
Vestido de Microtule preto, com estampa corrida frente e costas em folhagem e estampa localizada com numeral.

Matéria prima principal:

Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/nº
Microtule	90% Poliéster 10% Elastano	Preto	1,20 m	Importado	Saldão das Malhas	1,40 m

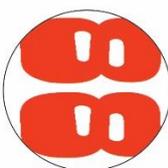
Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)

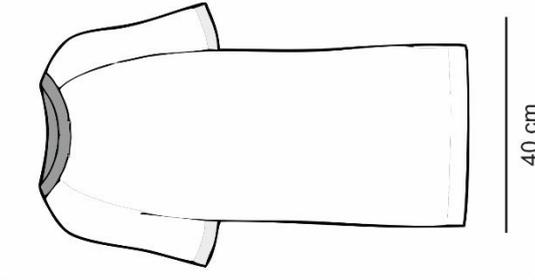
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/nº
Bainha	100% Poliéster	Branco	1 Unidade	Importado	Capula	38
Linha	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Corrente	Carretil	120
Fio	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Importado	Almarinho Amapá	180



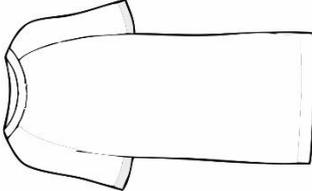
DESIGN DE MODA
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FOFA







90 cm



40 cm



Grade de tamanho:

Peça	PP	P	M	G	GG		
VF001	36	38	40	42	44	46	48
		X					

Observações

Beneficiamento:
Vestido com estampa corrida de folhagem na cor verde e costas, e estampa localizada de numeral na cor laranja. Os detalhes serão especificados em sua própria ficha técnica.

Fonte: Da autora, 2019.

Ficha Técnica

Coleção: FUNK-SE
Modelista: Karoline Sanhces Pavão
Modelo: Saia Furacão
Ano: 2019
Ref: SF001
Descrição da peça: Saia preta em tecido Suplex Light.

Matéria prima principal:

Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²
Suplex Light	89% Poliéster 11% Elastano	Preto	50 cm	Importado	Saldos das Malhas	1,40 m

Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)

Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²
Elastico	100% Poliéster	Branco	1 Unidade	Importado	Capula	20 cm
Linha	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Corrente	Carretel	120
Fio	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Importado	Armação Amagat	180

DESIGN DE MODA
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA

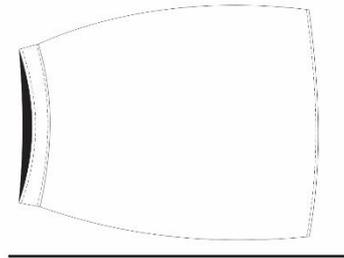
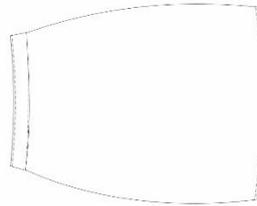


Grade de tamanho:

Peça	PP	P	M	M	G	G	GG
Sf001	36	38	40	42	44	46	48
Observações	x						

Beneficiamento:

--



45 cm

40 cm



Fonte: Da autora, 2019.

Figura 20: Ficha Técnica 4

Ficha Técnica

Coleção: FUNK-SE

Modelista: Karoline Sanhces Pavão

Modelo: Top Furacão

Ano: 2019

Ref: Tf001

Descrição da peça:
Top preto em tecido Suplex Light.

Matéria prima principal:

Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura ^o
Suplex Light	85% Poliéster 15% Elastano	Preto	50 cm	Importado	Solipa das Índias	1,40 m

Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)

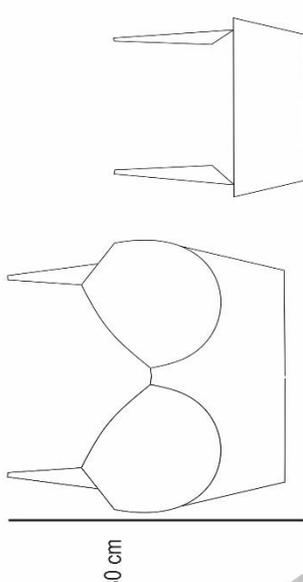
Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura ^o
Capa	100% Poliéster	Branco	1 Unidade	Importado	Capela	38
Linha	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Corrente	Corretil	120
Fio	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Importado	Armañho Amagã	180

DESIGN DE MODA
CENTRO DE INVESTIMENTOS E ESTUDOS DE FASH



Grade de tamanho:

Peça	PP	P	M	G	GG
TPF001	36	38	40	42	44 46 48
Observações	x				



30 cm

30 cm



Beneficiamento:

Fonte: Da autora, 2019.

Tabela: Tabela de Custos 2

Coleção: FUNK-SE			Estação: Inverno 2020.	
Produto: Vestido Furacão			Ref.: VF001	Total: R\$ 54,05
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Microtule	1,50	DDD Malhas	14,80	22,20
Estamparia Digital	1,50	Estamparia S.J	18,90	28,35
Linha Preta	1 Grande	Armarinho Central	3,50	3,50
Total				54,05

Fonte: CES/JF, 2013; Do Autora, 2019.

Tabela: Tabela de Custos 3

Coleção: FUNK-SE			Estação: Inverno 2020.	
Produto: Top Furacão			Ref.: TF001	Total: R\$ 25,29
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Suplex Light	50 Cm	DDD Malhas	39,80	19,90
Linha Preta	1 Pequena	Armarinho Central	1,50	1,50
Bojo	1 Par	Caçula	3,89	3,89
Total				25,29

Fonte: CES/JF, 2013; Do Autora, 2019.

Tabela: Tabela de Custos 4.

Coleção: FUNK-SE			Estação: Inverno 2020.	
Produto: Short Furacão			Ref.: SF001	Total: R\$ 40,40
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Suplex Light	1,00	DDD Malhas	39,80	38,90
Linha Preta	1 Pequena	Armarinho Central	1,50	1,50
Total				40,40

Fonte: CES/JF, 2013; Do Autora, 2019.

Figura 21: Croqui Seleccionado 3.



Fonte: Da autora, 2019

Figura 22: Ficha Técnica 5.

Ficha Técnica

Coleção: FUNK-SE

Modelista: Karoline Sanches Pavão

Modelo: Macacão Rainha

Ano: 2019

Ref: Mr001

Descrição da peça:
Macaquinho em Suplex Light preto, com recorte frontal, e ornamentações de pedrarias e correntes.

Matéria prima principal:

Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²
Suplex Light	98% Póssido 1% Elastano	Preto	1,50	Importado	Saldos das Malhas	1,40 m

Matéria prima secundária (forros, aviamentos...)

Nome/código	Composição	Cor	Gasto	Fabricante	Fornecedor	Largura/m ²
Elastico	100% Poliéster	Branco	1 Unidade	Importado	Caçula	20 cm
Linha	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Corrente	Carretel	120
Fio	100% Poliéster	Preto	1 Unidade	Importado	Amarrinho Ampol	180
Bigo	100% Poliéster	Branco	1 Par	Importado	Capçula	42

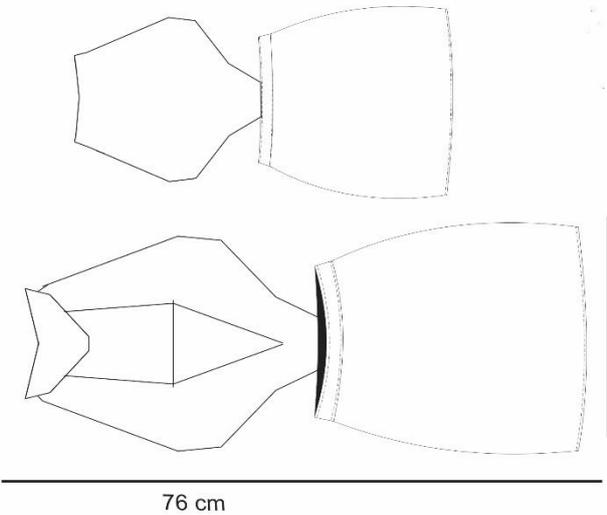
Grade de tamanho:

Peça	PP	P	M	M	G	G	GG
	36	38	40	42	44	46	48
MRN001				x			

Beneficiamento:
Aplicação em nylon preto, parte frontal, e aplicação de correntes na parte inferior da peça.









Fonte: Da autora, 2019

Tabela: Tabela de Custos 5.

Coleção: FUNK-SE			Estação: Inverno 2020.	
Produto: Macacão Diva			Ref.: MD001	Total: R\$ 254,15
Descrição do material	Quantidade	Fornecedor	Valor unitário (R\$)	Valor total (R\$)
Suplex Light	1,5 m	DDD Malhas	39,80	59,70
Chaton	10 Pacotes	Caçula	14,80	148,00
Linha Preta	1 Grande	Armarinho Central	3,50	3,50
Correntes	15 m	Fazendo Arte	2,80	42,00
Fio de Nylon	1 Grande	Caçula	9,50	0,95
Bojo	1 par	Caçula	3,89	3,89
Total		...		258,04

Fonte: CES/JF, 2013; Do Autora, 2019.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados encontrados sobre o Funk Carioca, e sobre a trajetória feminina no Funk, foi elaborado um trabalho que conta sobre o trajeto percorrido pela mulher funkeira até chegar aos dias atuais como principal protagonista dessa música. A proposta dessa pesquisa é contar sobre a inserção feminina no Funk ao longo dos últimos 30 anos, e como o funk é contado a partir do olhar feminino. Foram escolhidas através de uma ordem cronológica três nomes irreverentes do Funk, para representar esse processo de inserção feminina nesse mundo. São respectivamente as funkeiras Deise Tigrone, Tati Quebra-Barraco e Valesca Popozuda, criando uma coleção que retrata o caminho percorrido pelas mulheres nas últimas três décadas.

A princípio a mulher tinha o seu espaço reservado apenas nas letras pejorativas de funk, letras essa que expunham de maneira a diminuir sua feminilidade Após um processo de adaptação ela passa a ter seu protagonismo nos palcos, mais não como

cantoras ainda, elas serviam de entretenimento, com danças sensuais, promovendo assim os bailes funk. Apenas no final da década de 1990, e começa da década de 2000, a mulher começa ser apresentada também como cantora de Funk, tendo como pioneira a Funkeira Tatiana Lourenço, conhecida como Tati Quebra-Barraco, que tinha suas letras a princípio como resposta para as músicas masculinas. A partir desse momento outras mulheres aderem as letras de funk como forma de se expressarem, crescendo ao longo desse processo, assumindo características próprias e levando o funk para o mundo inteiro.

7.1 MINHA VIDA, MINHAS ROUPAS, MINHAS REGRAS

Os ditos estereótipos sempre existiram no dia a dia da vida das mulheres pelo Brasil e pelo mundo. E mesmo com o passar do tempo e a mudança e conquistas, os diferentes estilos femininos que se construíram ainda são necessários para transmitir uma mensagem, denunciar uma situação social e/ou representar instintos e significados, sendo estes últimos da mais variada gama de sensações e sentimentos, resultados de experimentações de gerações e gerações de julgamentos.

Muitos espaços e direitos foram conquistados com o passar do tempo, foram anos e anos se construindo como mulher e trabalhando sua feminilidade e sexualidade. Mas ainda assim o preconceito com determinados estilos é vibrante dentro da sociedade contemporânea e está profundamente enganado quem acredita que essa discriminação parte de homens apenas, muitas das vezes são outras mulheres que julgam umas as outras pela maneira como escolheram se vestir.

O estilo de vida de uma pessoa denuncia infinitos significados, mudam-se as nomenclaturas como se uma mulher só possuísse uma única característica e obrigatoriamente se enquadrasse entre recata e piriguete. A roupa exerce função crucial ao dar significado e tornar objeto de desejo, inserir ou exilar alguém em determinada situação, mesmo degradante é real.

Cada escolha feita gera uma reação aos olhares de quem está no entorno, por inúmeras vezes esses olhares surgem carregados de preconceito, incompreensão e julgamentos, erroneamente sempre.

Não é direito de ninguém julgar o que não conhece, nem conhecendo se deveria julgar. Ter uma opinião formada sobre alguém ou alguma coisa baseando-se em conhecimento é aceitável desde que não se torne ofensivo, não seja uma opinião alta com o intuito de expor e diminuir.

A grande questão é que estamos em um momento social onde a moradora da comunidade que escuta funk e gosta de roupas curtas e apertadas obrigatoriamente tem menos valor como ser humano que a mulher de classe média alta e bairro nobre que se veste de maneira mais comportada. O estilo que deveria representar nada além de uma construção individual de existência de um sujeito agora surge como ditador de caráter, de qualidades ou defeitos. Não é correto privar alguém de usar o que se sinta bem e a represente porque a opinião social é avessa ao estilo escolhido.

O direito à liberdade previsto na constituição não está assegurando as mulheres na forma que escolhem se vestir, onde a exposição de mais ou menos pele é direito delas e isso não dá ao outro o direito de violá-las de nenhuma forma, verbalmente, fisicamente, socialmente.

A partir dos dados coletados sobre as características da indumentaria da funkeira feminina ao longo dos últimos trinta anos foi desenvolvida uma coleção que conta sobre essa mudança de maneira cronológica. Para o desenvolvimento da coleção que atenda a demanda observada nas roupas das mulheres funkeiras, foi necessário a utilização de um tecido específico. Nesse sentido o tecido escolhido foi a Malharia, que com a sua natural capacidade de ajustamento ao corpo, foi fundamental para que o efeito necessário para alcançar o efeito buscado na criação da coleção FUNK-SE. Coleção essa que contém 15 looks, para a marca MARIA MORENA. O nome da coleção foi pensado como uma chamativa para as pessoas se interessarem mais pelo movimento funk, que desde a aprovação da Lei nº 5.543/2009, é reconhecido como um movimento cultural e musical de caráter popular, e ainda sim sofre tanto com o preconceito.

As peças foram desenvolvidas unicamente em tecidos de malha, tendo seu foco no público jovem, com modelagens atuais, sem deixar de lado as silhuetas bem

marcantes, com isso a coleção inspirada em um dos maiores movimentos culturais brasileiros, chega ao desfile Sonhos e Devaneios trazendo toda sensualidade e ousadia proposta pelo gênero.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Fonseca de. **O discurso da mulher no funk brasileiro de cunho erótico**: uma proposta de análise do universo sexual feminino. - Campinas, SP: [s.n.], 2009

ANTONACCI, Andréa; MARCELINO, Rosilene Moraes Alves. **Comunicação e Práticas de Consumo**: Em Perspectiva, o Funk Ostentação. COMUNICON: São Paulo, 2013.

BESCHIZZA, Christian Barcelos Carvalho Lima. **Uma introdução ao funk carioca**: Trajetória inicial e um guia bibliográfico para futuras pesquisas. 2014. projeto de pesquisa intitulado — Música e historiografia: tendências e reflexões. Universidade Federal de Uberlândia.

BONFIM, Letícia Laurindo de. **Funk carioca, voz feminina e o caso Tati quebra barraco**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Literatura, 2015.

CAETANO, Mariana Gomes. **My pussy é o poder**. Representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural. Tese apresentada ao Curso de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, 2015.

CALÇA DA GANG. Blog do Laprovietera, 2013. Disponível: <<http://laprovietera.blogspot.com/2013/09/calca-da-gang.html>>. Acesso em: 2 out 2019

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a Fio**: Tecidos, Moda e Linguagem. Editora Estação das Letras e Cores, 2006.

DE FRENTE COM GABI. **Entrevista com Valesca Popozuda**. Sistema Brasileiro de Televisão. 2012. (43m23s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=R0KNhBzi-T8>>. Acesso em: 01 out.2019

FUNKEIRAS ROCK IN RIO. Gazeta Online,2019. Disponível em: https://midiastm.gazetaonline.com.br/_midias/jpg/2019/04/04/-60833488.jpg. Acesso em: 08 de Outubro de 2019.

DUARTE, Natália Vera. As questões de gênero e as representações da mulher na

música funk. Universidade Federal Fluminense Centro de Estudos Gerais Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) Curso de Comunicação Social, 2016.

ESSINGER, Sílvio. **Batidão**: uma história do funk. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

FURACÃO 2000. Disponível em: <<http://www.furacao2000.com.br/>>. Acesso em 02 out. 2019.

LOPES, Adriana Carvalho. “**Funk-se quem quiser**” no batidão negro da cidade carioca. Tese apresentada ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística, 2011.

MIZRAHI, Mylene. **Figurino funk**: uma etnografia sobre roupa, corpo e dança em uma festa carioca. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS/PPGSA, 2006.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos: histórias, tramas, tipos e usos**. 5ªED. Editora: Senac São Paulo, 2017.

SISSONS, Juliana. **Malharia**. Editora Bookman, 2012.

VIANNA JÚNIOR, Hermano Paes. **Baile Funk**: festas e estilos de vida metropolitanos. 1987. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.